

A lusofonia na mídia portuguesa, o caso da comemoração dos 500 anos brasileiros

Igor José de Renó Machado

Introdução

Pretendo analisar, neste artigo¹, como a cobertura da mídia portuguesa sobre as comemorações dos 500 anos expressa uma visão sobre o Brasil ao mesmo tempo em que constrói um discurso nacionalista, no sentido que Fox (1990) concede à expressão². Durante todo o ano de 2000, os "500 anos" brasileiros estavam presentes em todos os veículos de comunicação portugueses. Aqui trato principalmente da cobertura no mês de abril de 2000, quando foi mais intensa, como forma de ilustrar a difusão da lusofonia³ entre os órgãos de imprensa. Mas preocupo-me especificamente com a representação do Brasil e brasileiros, como

¹ Este artigo é parte da minha pesquisa de doutorado, que se desenvolve na Unicamp e junto ao CEMI. Como parte de uma pesquisa mais abrangente este artigo aponta algumas temáticas que são exploradas com mais profundidade no desenvolvimento da tese. Portanto, pretendo aqui apresentar um quadro amplo de questões de forma a indicar a complexidade da situação e possibilidades de análise, sem a preocupação de ir a fundo na suas consequências

² Este conceito parte de uma visão da cultura nacional como algo móvel e maleável, resultado de um constante processo de produção cultural, constantemente moldado por indivíduos e grupos que se confrontam política e economicamente. Ideologias Nacionalistas são conjuntos de significados culturais produzidos e reproduzidos por grupos que disputam a hegemonia da própria representação da cultura nacional (o conceito de hegemonia é o de Raymond Williams (1977). Essas representações vitoriosas são fruto dessa disputa, às vezes negociada, às vezes imposta. Entretanto, a proeminência de uma visão específica não significa que não esteja sujeita ao jogo da história, de novas e velhas disputas. As Ideologias Nacionalistas são um problema de prática histórica (Fox 1990, p. 2 a 13). No caso do texto, ao referir-me à Lusofonia (ou neocolonialismo) como uma Ideologia Nacionalista, quero afirmar que a visão hegemônica da história e da cultura portuguesa continua se baseando em pressupostos estado-novistas (salazaristas), que acentuam o nacionalismo exacerbado através da memória das grandes conquistas, como afirma Fernando Rosas no artigo que comento no texto. Mas, se essa é uma visão hegemônica, não deixa de ter seus opositores, como também demonstro ao longo do texto.

³ Sobre lusofonia, cf. Margarido (2000) e Castelo (1998).

forma de esclarecer qual a ligação entre o pensamento imperial⁴ renovado e o lugar que confere ao Brasil. A intenção é demonstrar o universo simbólico⁵ que encontram os imigrantes brasileiros, de forma a indicar quais as limitações que este impõe à atividade destes imigrantes.

Em abril de 2000 a presença do Brasil na mídia foi tão aguda que resultou na concentração da sua representação em Portugal. A mídia tratou diretamente sobre as comemorações dos descobrimentos do (e no) Brasil e também sobre o "Brasil" como tema genérico. As reportagens, entrevistas e programas especiais de TV revelaram mais ou menos a mesma coisa: que nas reflexões sobre os 500 anos não se falava sobre o Brasil, mas sobre o papel de Portugal na sua construção e descoberta. Não há interesse real em saber da vida cotidiana, da economia e política do país, mas sim em exaltar o "gênio" português, seguindo os ditames do lusotropicalismo à portuguesa⁶ que, como afirma Castelo (1998), é o substrato da lusofonia. Mesmo as reportagens culturais de cadernos de viagem preocupam-se não com o Brasil, mas com as suas heranças portuguesas. Esboçarei a lógica imperial disfarçada de "lusofonia" que percorria a maioria das reportagens.

Representações na mídia

Um dos principais jornais diários de Portugal, o *Público*⁷, por exemplo, tratou dos 500 anos na seção de cultura, junto com reportagens culturais sobre o Brasil, acentuando a herança portuguesa. Produziu, inclusive, uma coluna diária chamada "personagens luso-brasileiras" composta, em geral, por efemérides portuguesas que passaram pelo Brasil, quase nunca o contrário. As comemorações são uma questão de cultura portuguesa para o *Público*, como para outros jornais. Únicas a figurar na seção internacional do *Público*, as notícias de corrupção no Brasil pareciam explicitar o desejo de distanciar o criador português das mazelas do país criado, ressaltando na seção cultural apenas as grandes obras e heranças. O *Diário de Notícias*, por sua vez, ignorava as comemorações como uma data

⁴Sobre o pensamento imperial português, cf. Valentim (2000) e Castelo (1998).

⁵Uso o conceito de "universo simbólico" de Sahlins (1986, 1990).

⁶Cf. Bender (1980) e Castelo (1998).

⁷O *Público*, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* são os principais jornais diários portugueses. O Expresso e O Independente são os dois principais semanários (em forma de jornal). Dentre as revistas mensais portuguesas, virtualmente todas trataram dos 500 anos: a *Volta ao Mundo*, *Activa*, *Economia Pura*, *Gente*, *Guia de TV*, *Jornal de Letras*, *Política Moderna*, *Rotas e Destinos*, *Telenovelas*, entre outras. As quatro canais abertos de TV são as RTP 1 e 2, a SIC (da qual a Globo detém uma parte) e a TVI.

brasileira, apresentando uma série de reportagens comemorativas que cobriam uma viagem para o Brasil de um navio português.

Os impressos deram destaque muito grande às comemorações oficiais, ainda mais que Jorge Sampaio, presidente português, delas fez parte. Mas, com a presença de Sampaio no Brasil na semana dos festejos, os jornais ficaram indecisos entre as seções de "cultura", "sociedade" ou "política". Por outro lado, a SIC e RTP1 (canais portugueses de televisão) apresentaram seus principais jornais diretamente de Porto Seguro durante as festas oficiais. Da mesma forma que nos jornais, a ênfase era dada às comemorações que, para a TV, eram celebrações dos feitos portugueses, daí a mesma profusão de matérias sobre heranças portuguesas.

Essencialmente, as comemorações de um ponto de vista português sofreram de uma distorção de entendimento básica: a crença de que brasileiros e portugueses estavam comemorando a mesma coisa. Entretanto, portugueses celebravam a própria nacionalidade portuguesa, os reflexos do grande império do passado etc. O governo brasileiro, ao contrário, comemorava o "aniversário", marcado pela chegada de Cabral ao que seria no futuro o Brasil. Assim, toda a crítica às comemorações que tinha um caráter de contestação política interna no Brasil passou, na mídia portuguesa, por crítica a Portugal. Assim, o ressentimento português sobre a crítica ao modelo de exploração econômica que portugueses adotaram no Brasil, elaborada por alguns brasileiros, era sempre lembrada na chave do absurdo, preocupados que estão em comemorar a alma portuguesa. A crítica soava como falta de reconhecimento pelo papel na construção do Brasil.

Assim, entende-se a importância que teve em Portugal a comemoração e como ela foi feita no Brasil, ainda mais que o Presidente português esteve presente. Ao mesmo tempo, em Dili, capital de Timor Leste, estava Guterres, o primeiro-ministro português, numa missão diplomática "curiosamente" coincidente com as comemorações brasileiras. Era uma autêntica festa lusófona que se armava, com a celebração de autoridades portuguesas em duas ex-colônias. Entretanto, a recepção fria a Guterres em Timor e os enormes protestos nas comemorações dos 500 anos foram um banho de água fria no orgulho português. Por isso, a mídia em geral deu grande destaque aos protestos, tendo a "etnicizá-lo", como se fosse exclusivamente de negros, índios e do MST (que apareceu como mais uma categoria étnica).

Os jornais do dia 22, 23 e 24 de abril deram grande destaque ao Brasil na capa, enfatizando o protesto dos índios, apresentado com grande choque, pois feria os

planos de comemoração portuguesa de seu passado épico. Embora não explicitamente, podia-se perceber este choque principalmente nas imagens escolhidas, nos títulos de reportagens, mesmo que as notícias em si fossem mais contidas: "Brasil triste no desfecho da festa"⁸, "Sampaio apela à conciliação"⁹, "Violência e chuva estragam celebrações"¹⁰, "Sampaio olha para o futuro e rejeita críticas ao passado"¹¹, "Protesto em Porto (in)Seguro"¹², "Sem-Terra estragam a festa"¹³ etc.

No dia 25, naturalmente, as manchetes referiam-se ao 25 de abril e suas comemorações, mas as reportagens sobre as celebrações e protestos brasileiros continuavam lá. No *Público*, o cúmulo foi a descrição de uma manifestação Xavante em São Paulo. Ora, essa foi chamada de "O protesto dos índios bons"¹⁴, em oposição, claro, àquela dos índios em Porto Seguro, que então eram os índios maus. O que distinguiu uma manifestação da outra, se as duas queriam a mesma coisa, a reivindicação de direitos e demarcação de terras? O que as separou foi unicamente a presença do exército para impedir uma delas. O *Público* assumiu o lado oficial das comemorações e considerou legítimo o papel do exército e da violência exercida ilegalmente, como esta reportagem citada demonstra. O que deve ter assustado o *Público*, como os demais jornais, foi a união de povos indígenas para contestar a visão oficial dos descobrimentos e no que isso atinge o nacionalismo salazarista escondido por trás de inúmeros escorregões do jornal em suas reportagens e manchetes. Más são as afrontas à essência da lusofonia, boas são as contestações que aparentemente são apenas de ordem política interna e não dizem nada sobre os descobrimentos.

Depois do dia 25 de abril as notícias sobre o Brasil voltaram a ser colocadas na seção de cultura, mesmo aquelas estritamente políticas (como se o Brasil e sua dinâmica fossem sempre uma questão cultural para os portugueses). Ou seja, o Brasil não tem um estatuto de independência simbólica que possibilite que suas informações sejam colocadas nas demais seções, havendo apenas duas exceções, ou quando o presidente português está em terras tupiniquins ou quando a notícia é de tom negativo (corrupção, violência, etc.).

Algumas reportagens foram feitas sobre brasileiros em Portugal, já que a realida-

⁸ *Expresso* 29/04/2000, p. 9.

⁹ *Jornal de Notícias*, 23/04/2000, p. 6.

¹⁰ *Público*, 23/04/2000, manchete.

¹¹ *Diário de Notícias*, 23/00/2000, p. 7.

¹² *Diário de Notícias*, 23/04/2000, p. 6.

¹³ *Expresso*, 21/04/2000, p. 14.

¹⁴ *Público*, 28/04/2000, p. 28.

de da imigração brasileira¹⁵ está incorporada à percepção comum portuguesa e, por isso, ao pensar em Brasil e nos 500 anos, também se pensa na imigração brasileira. Dos artigos sobre a imigração, destacam-se posições que oscilam entre um certo tom de denúncia das más condições de trabalho e um elenco das "contribuições" dos brasileiros à atual sociedade portuguesa. Tomemos um exemplo em consideração. A revista mensal *Grande Reportagem*, de abril de 2000, traz a matéria "Brasil-Portugal: 500 anos de desencontros". O texto é uma reportagem sobre a imigração brasileira para Portugal, principalmente para Lisboa. Trata das principais questões da imigração: a proletarianização atual, a influência cultural brasileira, desde a capoeira até a telenovela, dá bastante ênfase à pobreza e ao papel da Casa do Brasil de Lisboa (única associação brasileira em Portugal atualmente).

Os repórteres descrevem alguns nichos de trabalho de brasileiros e traçam perfis "rotineiros": um pedreiro, um dentista, um professor de ginástica, um "exemplar" da classe média alta fugindo da violência, um surfista empresário, um mestre de capoeira. A matéria dá destaque ao papel da entrada de Portugal na União Européia, causadora de uma viragem nas relações entre os dois países, afirmando que "[a]s restrições ao trabalho dos dentistas e, mais do que isso, os constatados mal-tratos impostos no aeroporto de Lisboa a brasileiros humildes que tentavam - como, cinquenta anos atrás, os minhotos e transmontanos - refazer a vida noutra país, fizeram de Portugal o parente que enriqueceu e deu as costas aos pobres da família."¹⁶ Obviamente, percebe-se um tom de "vingança" simbólica num tom pretensamente condescendente: finalmente, portugueses estão realmente melhores que os brasileiros.

A continuação do texto, entretanto, traz as palavras do embaixador português Luís Felipe Castro Mendes: "Os romanos assassinares Viriato foi um acto de grande maldade, mas isso não me leva a negar a raiz latina de Portugal. Os Lusitanos podiam viver muito bem, mas eu é que não seria o que sou se não tivesse havido o domínio romano. Os brasileiros não fariam mal em pensar assim."¹⁷ O tom da declaração é o mesmo das reportagens nos jornais: promover a boa imagem da herança portuguesa. Assim, após as denúncias da miséria das imigrações, passam a enfatizar a falta de empenho em destacar-se, no Brasil, o moderno valor português: "Mas se empresas alemãs no Brasil procuram realçar a própria nacionalidade para atribuir solidez aos seus produtos; se as empresas francesas procuram mostrar que se é francês é 'chique',

¹⁵ Sobre imigração brasileira em Portugal, cf. Daltro Santos (1996 e no prelo) e Machado (2001 e no prelo).

¹⁶ *Grande Reportagem*, abr. 2000, p. 29.

¹⁷ *Grande Reportagem*, abr. 2000, p. 30.

as empresas portuguesas não fazem qualquer referência à sua origem - o telemóvel [telefone celular] pré-pago da Telesp Celular [da Portugal Telecom] foi baptizado, no Brasil, de 'Baby'!"¹⁸.

A autora dá muita ênfase na "negação do pai", evidente na relação entre Brasil e Portugal, no que toca às comemorações. É como se os brasileiros estivessem negando por infantilidade a importância de Portugal. Mas a reportagem é um bom exemplo do tom imperial (corrente em várias reportagens) com que se discute sobre os brasileiros, com a falta de preocupação destes em relação ao que é realmente importante, a herança portuguesa. Como esta, outras reportagens apontam para o tema dos investimentos portugueses no Brasil, que vira uma espécie de vingança simbólica - como o retorno da possibilidade do império (sem ser explícito, diga-se).

As interpretações das comemorações revelam os posicionamentos políticos internos à política portuguesa, como um torna-sol que revela o lugar de quem fala. Para o Bloco de Esquerda¹⁹, por exemplo, como diz Francisco José Viegas, "as comemorações podem estar a encobrir, deste lado do Atlântico, a pequenina tentação neocolonial lusitana"²⁰. Mas mesmo para o autor citado, o que importa é criticar quem contesta, no Brasil, o papel da herança portuguesa, utilizando-se do argumento capcioso de que as misérias de hoje são responsabilidades dos brasileiros, não dos portugueses. É capcioso porque essa reflexão leva a uma conclusão não explicitada mas compreendida pelos leitores, a de que, então, seria melhor que o Brasil não tivesse deixado de ser uma colônia portuguesa. De certa forma, é o que faz também Eduardo Prado Coelho, no texto "Baixo Astral"²¹, embora tenha a clareza de que o Brasil e Portugal não comemoram a mesma coisa.

Há comentaristas que indicam como o trajeto histórico das "conquistas e conquistas" não foi tão glorioso como se pensa, reconhecendo o direito de contestar os pontos de vista portugueses (como o artigo de Rui Osório²²). Análises críticas também foram proferidas, justificando e procurando entender os protestos no sul da Bahia, como o de Rosalina Machado²³, onde constatava: "prefere-se a festa para 200 pessoas, nem que seja preciso convidar 2000 polícias para não deixar ninguém entrar nas nossas consciências". Ou, ainda, o texto de J. M. Paquete de Oliveira, "A indig-

¹⁸ *Grande Reportagem*, abr. 2000, p. 30.

¹⁹ Partido português que se situa no campo das esquerdas.

²⁰ *Jornal de Notícias*, 06/04/2000, p. 15.

²¹ *Público*, 09/05/2000, p. 2.

²² Sem título, *Jornal de Notícias*, de 16/04/2000, p7.

²³ *Jornal de Notícias*, de 03/05/2000, p. 4.

nação dos índios"²⁴. Miguel Vale de Almeida, no artigo "Comemorar o futuro"²⁵ avisa a platéia portuguesa que se comemoram no Brasil e em Portugal coisas diferentes, criticando as retomadas da "obsessão identitária com a 'gesta' do passado".

Crida como corrente no Brasil, a opinião que teria sido melhor uma colonização não-portuguesa causa verdadeiros discursos indignados na mídia portuguesa²⁶, por agredir frontalmente o nacionalismo português. Os articulistas justificam-se perante a constatação de que qualquer história de colonização é sangrenta e violenta²⁷, importando ressaltar é o que sobrou de bom. Junto com a afirmação do "passado violento comum", alguns comentaristas infantilizam as populações indígenas, reduzidas a joguetes de grupos políticos mal-intencionados, "Os que estão de má-fé numa manobra de mero aproveitamento político e os que utilizam os índios para fins menos confessáveis"²⁸. O relacionamento dos indígenas com o MST, para a autora, evidenciando seu posicionamento político à direita, só pode ser malévolo, partindo-se do ponto de vista que os indígenas são mesmo primitivos, infantis e influenciáveis. Mas a comentarista vai ainda mais longe: "se daqui para a frente, num absurdo paroxismo nostálgico, os brasileiros se quisessem transformar numa nação indígena, numa gigantesca reserva índia, de hábitos antropófagos e cristalizada na idade da pedra lascada, esse seria um problema deles e só deles." Só faltou lamentar que a colonização portuguesa não tenha acabado de vez com esses incômodos lembretes do "processo civilizatório" português.

Esses comentaristas não percebem a possibilidade de que grupos dentro do Brasil questionem o discurso oficial da nação a partir de uma crítica às comemorações dos descobrimentos. Essas críticas são sempre vistas como direcionadas a Portugal, chegando ao ponto de se dizer que no Brasil os portugueses são atualmente discriminados por conta das comemorações²⁹. Ou, nas palavras de Judite de Sousa: "Nós, portugueses, quase temos que pedir desculpa por termos descoberto o Brasil"³⁰. As críticas que no Brasil condenam o processo histórico são reduzidas a erro

²⁴ *Jornal de Notícias* de 29/04/2000, p. 22.

²⁵ *Público*, 22/04/2000, p. 8.

²⁶ Viegas, *Jornal de Notícias*, 06/04/2000; Costa, *Expresso*, 21/04/2000.

²⁷ Vicente Silva, "Sampaio entre Portugal e o Brasil", *Diário de Notícias*, 28/04/2000; Maria Pinto, "Desatinos da comemoração", *Expresso*, 29/04/2000; Judite de Sousa, "Os 500 anos do Brasil", *Jornal de Notícias*, 22/04/2000.

²⁸ Maria Pinto, *Expresso*, 29/04/2000, p. 27.

²⁹ Fernando Antunes, "A herança de Pedro", *Jornal de Notícias*, 21/04/2000, p. 2.

³⁰ *Jornal de Notícias*, 22/04/2000, p. 2.

político por Vicente Jorge Silva, na crônica "Sampaio entre Portugal e o Brasil"³¹, como se os processos históricos fossem imunes às críticas, e os que o criticam apenas quisessem um ganho político desleal. Claro que sobre o fato da elite brasileira estruturar o sentido da história em seu proveito - conivente com a leitura portuguesa sobre os mesmos acontecimentos históricos - nada é mencionado.

O tom neocolonial, mencionado por José Viegas, se em geral é disfarçado, em algumas passagens é explícito, como no editorial do *Diário de Notícias* do dia 22/04/2000, que afirma que "ninguém tenha dúvidas, o Brasil é o maior feito dos portugueses"³². O ufanismo português atinge tons inauditos no texto de Jorge Chichorro Rodriguez, "Predação ou construção do Brasil?", no *Diário de Notícias*³³. O autor proclama "o espírito de Portugal de Quinhentos, o Portugal que era capaz de se comover com o diferente e o estranho", que tanto contribuiu para a humanidade, através da criação do Brasil. Se índios morreram, não há que lamentar muito, pois "a lei de Darwin que dá ao mais forte a primazia sobre os menos aptos na luta pela sobrevivência" é a responsável. Ou seja, o homem sensível, parte da mais refinada cultura, capaz de sensibilizar-se com o Outro não passa de um animal incapaz de fugir ao natural combate pela sobrevivência (e aos massacres). O mesmo que se sensibiliza mata e, apesar do paradoxo, esses dois argumentos podem conviver no mesmo texto. Esse jeito peculiar de expressar o preconceito contra as populações indígenas, embora estranho, pode ser explicado a partir de uma imagem sobre o Brasil.

O Brasil selvagem

O Brasil é (como era no passado) visto como selvagem, como a natureza que deve ser explorada pela cultura (se os índios são parte da natureza, deve-se aproveitar deles) e o pensamento imperial se funda nesses termos: o Brasil é uma paisagem selvagem que deve ser preenchida pela cultura portuguesa, ou que foi preenchida, mas que desse processo perderam-se os vestígios³⁴. É por isso que são incontáveis as reportagens sobre heranças culturais, o que não passa de um modo de reavivar a superioridade perante a paisagem selvagem, sensual e brutal. Vejamos um exemplo dessa formação da imagem do Brasil em oposição à de Portugal num despreteni-

³¹ *Diário de Notícias*, 28/04/2000, p. 2.

³² *Diário de Notícias*, 28/04/2000, p. 2.

³³ *Diário de Notícias*, 30/06/2000, p. 4.

³⁴ Característica que é compartilhada pelos pensamentos imperiais em geral, segundo Cooper e Stoller (1997).

oso roteiro de viagens proposto pela revista *Volta ao Mundo*, de abril de 2000.

São cinco textos independentes (introdução mais quatro textos) que, quando tomados em conjunto, demonstram um outro ponto de vista. As reportagens são: "Brasil 500 anos depois...", a introdução à série, com a indicação de que se trata de um roteiro de viagens "no país-irmão". Segue-se "A costa da descoberta", uma descrição dos dias de descobrimento. Feita por brasileiro, Mário Lucena, é contaminada por paradigmas brasileiros: a ideologia da miscigenação³⁵ e um evolucionismo radical. Do naturalismo arqueológico, como na afirmação "[no] parque encontra-se uma aldeia com os últimos exemplares dos índios Pataxós (que habitam a região), além de animais em extinção e de árvores de madeira nobre.", para a estereotipização³⁶ é um passo: "Hoje em dia, além das belezas naturais, existem a musicalidade e a simpatia do povo baiano, sempre alegre e festivo." O autor trata índios como parte da natureza, como animais em extinção, mas a imagem que constrói, entretanto é capitalizada pela revista, com a foto de capa de um índio no meio de uma floresta.

Aliás, é uma recorrência retratar o Brasil com a cara de um índio, o que quer dizer: "o selvagem". No dia 22 de abril, os três maiores jornais portugueses destacavam as comemorações através de imagens de índios. Essa recorrência da imagem indígena também representa uma retomada, de um ponto de vista português, do grande passado épico, ou seja, é uma reprodução figurada



da chegada de Cabral no que viria a ser o Brasil. O título da reportagem de capa do *Diário de Notícias*, do dia 22 de abril, foi "Índios ameaçam Cabral", nada mais sintomático, pois a idéia dos protestos ameaçarem Cabral re-

³⁵ Sobre miscigenação como ideologia, cf. entre outros, DaMatta (1987).

³⁶ Para uma discussão sistemática sobre estereótipos, cf. Machado (2001).

presenta uma preocupação com a memória histórica portuguesa. É comum associar-se o Brasil ao natural, selvagem e primitivo. Mesmo a conotação sensualista constantemente aplicada ao (e produzida pelo) Brasil é uma extensão dessa idéia de selvagem a ser explorado (sexualmente) e civilizado.

A terceira reportagem, de André Pippa, "Que coisa mais linda" trata do Copacabana Palace, dando ênfase, com se é de esperar, às fofocas picanter de sua história, envolvendo o Rio num clima de erotismo único. O autor acentua passagens que dão azo à idéia de um certo comportamento sexual desenfreado do brasileiro, como na seguinte passagem: "Embora, note-se, não tenha passado despercebida a proeza de um cinquentão carioca (com muita graça, muito dinheiro e um penteado ridículo) que, durante dois dias, saraquitou entre piscina e o Anexo permanentemente escultado por cinco (!!!) mocinhas de aspecto travesso."

A reportagem seguinte, "O triunfo do verde", do mesmo André Pippa, descreve o Jardim Botânico, visto como uma "jóia" de matriz portuguesa impossível de ignorar para quem visita o Rio de Janeiro. Diz-nos o jornalista: "No Jardim Botânico sentimo-nos esmagados pela força e exuberância da Mãe-Natureza. Boa maneira de nos lembrarmos quem realmente manda na terra.". A ênfase na ligação entre natureza e Brasil, mesmo que seja num parque que tem por intenção ser "natural", é flagrante. A última reportagem, "Amor de perdição", ainda de Pippa, descreve o Gabinete Real de Leitura Português, "Idealizado, construído e financiado por emigrados portugueses no século passado, o Real Gabinete é um bastião de portugalidade no centro do Rio de Janeiro", "um pedaço de Portugal incrustado no coração do Rio de Janeiro".

Visto como representante da cultura portuguesa no Brasil ("... Um dos símbolos mais representativos da cultura portuguesa no Brasil."), o Real Gabinete de Leitura é inserido numa lógica exposta pela série de cinco artigos. Os três primeiros têm como tema a natureza selvagem do Brasil e a sensualidade dos habitantes. O quarto representa uma transição entre a natureza e a civilização, ao descrever o Jardim Botânico construído pelos portugueses, que podem ser vistos como os organizadores, como foram os conquistadores, do universo selvagem brasileiro. A conotação dada pela série de reportagens é que só através do olhar português é possível restituir

uma ordenação nesse caos selvagem que é a imagem criada do Brasil.

O último texto, sobre o Real Gabinete, é a coroação da vitória da cultura, da civilização portuguesa. O pedaço de Portugal no Brasil é uma biblioteca, em oposição a representação do próprio Brasil, marcado pela animalidade (os índios são vistos de um prisma preconceituoso e os estereótipos sobre a sensualidade "natural" do brasileiro, acentuados). Temos, assim, uma oposição entre natureza e civilização (cultura), acentuando aos portugueses o papel de civilizadores, idéia subjacente na estruturação do grupo de reportagens que se apresentavam, a princípio, apenas como um roteiro de viagem. Mais do que um roteiro simbólico, esse grupo de reportagens da revista *Volta ao Mundo* apresenta um roteiro de representações portuguesas sobre o Brasil e a relação que com ele tem Portugal, o que Fernando Rosas chamou de "ufanismo" português.

Por outro lado, a retomada do pensamento imperial pela lusofonia tem defensores mais refinados, como Eduardo Prado Coelho, que expressa seu desejo de ver Portugal livre das amarras da retórica da irmandade³⁷, que envolve a relação entre ex-colônia e ex-metrópole, para assumir plenamente a idéia de que devam ser parceiros. O termo "parceiros" significa as investidas econômicas sobre o mercado brasileiro, pois através dele "se conseguiu de fato avançar no conhecimento recíproco (que é aquele que necessariamente deriva da presença de empresas portuguesas investindo no Brasil, sobretudo se estas, seguindo o exemplo brasileiro, souberem complementar a sua ação com iniciativas eficazes de mecenato cultural).³⁸"

Transparecem no texto do autor as duas instâncias presentes no tom geral da mídia portuguesa: o orgulho nacionalista e vingativo (e ressentido) de ver no avanço econômico de algumas empresas portuguesas a retomada de uma imagem gloriosa dos portugueses (estranho paradoxo, onde o mais moderno serve aos propósitos mais antigos) e a dor-de-cotovelo em relação ao sucesso que têm em Portugal setores da mídia brasileira. Pode-se dizer, inclusive, que o aumento da imigração brasileira é visto na perspectiva neocolonial portuguesa, ou seja, o papel subordinado desses imigrantes também é para esses formadores de opinião um sinal da retomada da grandeza portuguesa.

³⁷ Sobre a retórica da irmandade, cf. Feldman-Bianco (2001) e Caetano da Silva (no prelo)

³⁸ *Público*, 06/05/2000, Caderno Leituras.

³⁹ *Público*, 26/04/2000, p. 9.

Comentários finais

Esse neocolonialismo é chamado por Fernando Rosas (que foi candidato à presidência da República portuguesa pelo Bloco de Esquerda, partido mais à esquerda no espectro político), no artigo "Do mito à fraternidade"³⁹, de "versão colonialista mítica sobre os descobrimentos". Rosas critica o ufanismo na mídia ressaltando que, em relação à colonização "pouco temos de nos orgulhar". No artigo Rosas levanta a questão da herança da educação estado-novista portuguesa como fonte desse ufanismo acrítico. Único entre os comentaristas, relaciona o ufanismo português e o branqueamento ideológico perpetrado pela elite brasileira, que alcançou tons dramáticos na repressão aos protestos dos oprimidos na sociedade brasileira.

Noutro lado do espectro político, Eduardo Lourenço, em entrevista ao *Jornal de Notícias*⁴⁰, lamenta a falta de empenho nas comemorações e, apesar de entender que os índios não queiram comemorar, não compreende o porquê dos demais brasileiros não o fazerem. Lourenço não percebe algo que Rosas tão objetivamente pondera: o problema está no uso atual desses passados construídos a partir de interesses presentes. Nessa perspectiva, os oprimidos brasileiros (e não apenas os índios) têm o direito de questionar a construção hegemônica da história feita pelas elites brasileiras, que lhes é desfavorável. E Suzana M. Viegas, no artigo "Tupinambá em carne e osso"⁴¹, anuncia com antecedência o principal problema de entendimento sobre as comemorações dos dois lados do Atlântico: "O índio de carne e osso acaba por se mostrar mais curioso, diverso e aliciante, para quem tem real interesse pela diferença", e não as "nostalgias de cartas épicas nacionalistas".

Se Rosas e, de certa forma, Susana Viegas criticam essa versão colonialista mítica sobre os descobrimentos, pretendi ir um pouco mais além, mostrando como a imagem de um Brasil selvagem e sensual recoloca no papel de civilizador o português, juntamente com a invasão econômica de empresas portuguesas, possibilitando a reconstrução da lusofonia, essa ideologia nacionalista (Fox, 1990) que se tem tornado senso comum em Portugal. Assim, as reportagens, ao mesmo tempo que elaboram a imagem de um país selvagem e primitivo, ressaltam a civilidade portuguesa e uma certa forma de expressar a nacionalidade Lusitana hoje em dia.

⁴⁰ *Jornal de Notícias*, de 23/04/2000, p. 4.

⁴¹ *Público*, de 27/03/2000, p. 3.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Valentim. *Velho Brasil, novas Áfricas. Portugal e o Império (1808 - 1975)*. Porto: Afrontamento, 2000.
- BENDER, Gerald J. *Angola sob domínio português, mito e realidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.
- CAETANO DA SILVA, Eduardo. "Encontros e Desencontros Luso-descendentes" In Feldman-Bianco, Bela (org). *Construções do mesmo e do outro: encenações de identidade e política entre Brasil e Portugal*. (no prelo)
- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento, 1998.
- COOPER, Frederick and STOLER, Ann (ed). *Tensions of Empire: colonial cultures in a bourgeois world*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1997.
- DALTRO SANTOS, Gustavo A. P. "Encontros, alianças e desencontros: partidos, associações de imigrantes e o Estado português nos embates em torno da política para imigrantes". In Feldman-Bianco, Bela (org). *Construções do mesmo e do outro: encenações de identidade e política entre Brasil e Portugal*. (no prelo)
- DALTRO SANTOS, Gustavo. *Sabiá em Portugal: a imaginação da nação na diáspora*. (Monografia de fim de curso). Campinas: Unicamp, 1996
- DAMATTA, Roberto. "Digressão: a fábula das três raças". In *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. "Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Constructions of sameness and difference" In *Identities* (no prelo), 2001.
- FOX, Richard. *Nationalist ideologies and the production of national cultures*. Washington: American Ethnological Society Monograf Series, nº2; 1990.
- MACHADO, Igor José de Renó. "Cárcere público: os estereótipos como prisão para os brasileiros no Porto, Portugal". In Feldman-Bianco, Bela (org). *Construções do mesmo e do outro: encenações de identidade e política entre Brasil e Portugal*. (no prelo)
- MACHADO, Igor José de Renó. *Estereótipos e representações cruzadas: brasileiros no Porto, Portugal*. Exame de Qualificação para Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.
- MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos. Novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias lusófonas, 2000.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e nação prática*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro; 1986
- WILLIAMS, Raymond. *Marxisme and literature*, London: Oxford University Press, 1977.

Resumo

O artigo analisa como a cobertura da mídia portuguesa sobre as comemorações dos 500 anos expressa uma visão sobre o Brasil ao mesmo tempo em que constrói um discurso nacionalista (Fox, 1990). Focando no mês de abril de 2000, quando foi mais intensa a cobertura, ilustro como a lusofonia se difundiu entre os órgãos de imprensa. A preocupação principal é especificamente com a representação do Brasil e brasileiros e a ligação entre o pensamento imperial renovado e o lugar que confere ao Brasil. Demonstro como ao Brasil é ligada uma imagem de selvageria, contraposta à suposta idéia de "civilização portuguesa".

Palavras-chave: Lusofonia, mídia, estereótipos, comemorações dos 500 anos

Abstract

The article analyses how the Portuguese media coverage about The "500 year" celebrations of Brazil expresses a vision about it and, at the same time, builds up a nationalist discourse (Fox 1990). Focusing in April 2000, when the media coverage was more intense, It is illustrated how Lusophony has been disseminated in the Portuguese press. The main objective is to understand the representations of Brazil and the Brazilians in Portugal and the link between renewed imperial discourse and the place where Brazil takes place. The article shows a savage image labeled on Brazil in contrast to a supposed idea of "Portuguese civilization".

Key-words: Lusophony, media, stereotypes, 500 year celebrations